

CARLOS J. PESSOA

---

PENTATEUCO  
*Manual de Sobrevivência  
para o Ano 2000*

TEATRO



Título: *Pentateuco: Manual de Sobrevivência para o Ano 2000*

© Carlos J. Pessoa e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1998

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-8423-20-9

Carlos J. Pessoa

Pentateuco:  
Manual de Sobrevivência  
para o Ano 2000

Cotovia

Instituto Português das Artes do Espectáculo

# ESCRITA DA ÁGUA

(No Rasto de Medeia)

ESCRITA DA ÁGUA

(do Rasto de Medeia)

Elenco da Estreia de

*Escrita da Água (no Rasto de Medeia)*

No Grande Auditório do Rivoli Teatro Municipal, em 27 de Março de 1997.

Encenação, Carlos J. Pessoa; cenografia, José Espada; figurinos, Teresa Azevedo Gomes; música, Daniel Cervantes e Sérgio Delgado.

Interpretação: Anabela Almeida (Criança I), Isabel de Castro (Mãe), Jorge Andrade (Pai), Marco Delgado (Voz Off), Maria João Vicente (Amiga), Miguel Mendes (Homem do Cinema), Nelson Cabral (Criança II), Sara Duarte (Coro), Sílvia Filipe (Coro).



## PERSONAGENS:

MÃE

PAI

CRIANÇA 1

CRIANÇA 2

AMIGA

HOMEM DO CINEMA

VOZ OFF

CORO

## Antes de começar

Foi no vale perdido entre montanhas e quedas de água; foi durante a estação fria, quando o gelo acende o frio; estava destinado ser assim, ser de noite a descida dos lobos em alcateias silenciosas, degolando cordeiros e almas solitárias.

Não havia fim na matança; o leite impetuoso das quedas de água tingia-se de sangue e o pastor, o pastor de mãos gretadas, dizia: — Este cajado era de um homem que tinha 100 anos, e se mais anos quisesa viver mais vivera, pois matou-se; este cajado é meu, digo-vos, este cajado é meu!

E brandindo o cajado no ar corria encosta acima num mimetismo perfeito com penhascos e ervas, com cabras e pássaros!

— Os lobos vêm aí!

Os lobos já espreitam e ninguém sabe. A água nas covas foi tingida de vermelho e nenhuma bandeira de aflição foi hasteada: nem um grito, nem um uivo!

Foi no vale perdido que eu vi um anjo pela última vez. Era uma menina que não falava e dava longos passeios junto ao lago gelado. Foi durante a estação fria, lembrem-se porque estava destinado ser assim, que o pastor riu desdentado e disse:

— Vós ides a pé, acautelai-vos, mas ide que sois fortes, ide que mando eu! — e ria, ria e praguejava furioso e contente.

Lembrem-se que a menina via o lago gelado, e sonhava percorrê-lo como uma bailarina de circo.



Ela nunca vira o circo, só as trutas no lago durante a Primavera. Ela não conhecia passos de dança, apenas o murmurar dos ninhos.

— Quem vem lá, quando vem a morte, quem vem lá, quando vem a vida? O que se passa quando alguém morre? O que acontece quando os lobos descem ao vale perdido.

A menina queria dançar porque o sol espreitava e, estando frio, o sol convidava à dança para enganar o frio que espetava os ossos com estiletos de gelo. Os ossos e as articulações da menina moviam-se devagar, ela experimentava os passos da dança do sol no lago gelado. Ela volteava como um peixe de rio em acasalamento; vejam só, ela não lera as escrituras, nem provara ainda as laranjas desse Inverno! O gelo estaladiço crepitava, as rachas povoavam o espaço numa invasão sinistra, numa rede implacável que se estendia silenciosa em volta dos passos da menina; por fim o gelo abria-se e a água engolia o corpo tremeluzente, o corpo da amada do sol.

— Quem testemunhou o ataque dos lobos escondeu-se na arca dos haveres; quem rezou no lagar fez um rosário com caroços de azeitona!

Eu sei que cambaleio na neve, eu sei que não voltarei atrás, que continuo sempre em frente, empurrado pelo chicote do vento. Quando os lobos souberam da menina gelada, queimaram a aldeia; o vale ardia, os lobos não precisavam de fogo mas a menina sim, ela precisava do fogo. E os lobos reuniam-se em volta do lago gelado e o fogo derretia o gelo e o corpo inerte era devorado pelos lobos que assim saciavam a sua fome de inocência.



— Onde está a menina cujo corpo inerte foi devorado pelos lobos; e o povo, que pode o povo dos homens perante a força e determinação das alcateias? Não há armas que nos valham, não há defesa que nos defenda da maldade dos lobos, não que os lobos sejam maus, mas porque a bondade divina não tem limites, como rezam as escrituras.

Onde está o último anjo que vi, onde vi esse anjo? Um lobo preparava-se para atacar, eu era uma alma solitária no meio da montanha, eu tinha frio e estava voltado de costas: eu observava a imponência das seras, o recorte agudo dos penhascos, a majestade argêntea dos granitos, as ervas recentes. Eu era um simples observador!

O lobo pisou um galho mas eu não ouvi nada e se me voltei foi apenas porque habitava em mim o estigma da alma solitária, que procura companhia; eu sabia-me homem mas nunca o entendera até ao momento em que dei de caras com o lobo que se preparava para me atacar. Estava frio e não me agasalhara convenientemente, tiritava esboçando pensamentos raquíticos como líquenes; a queda de água era agora um ribeiro manso onde as feras saciam a sede. O lobo surpreendeu-se e estacou, mostrou-me a dentadura que reluzia, os colmilhos afiados, a boca arfante escancarada, como o próprio inferno, o inferno é de carne, o inferno é uma goela escancarada.

Então eu olhei nos olhos do lobo, não tinha medo, nem pena, tinha apenas curiosidade como é próprio de um simples observador.

Espantem-se: eu vi nos olhos do lobo a dança da menina no lago gelado, eu vi a dança toda e o sol aquecia-

-me e os dentes acariciavam-me o corpo, e os colmilhos rasgavam-me a carne e no meio do riacho, sim, seguindo a corrente, os restos do meu corpo despedaçado dançam agora abocanhados pelo gesto rápido dos peixes de água doce!

— Quem soube do meu calvário, quem leu as escrituras? Eu vi um anjo, a última vez que vi um anjo, vi-me a mim próprio como nunca antes o entendera.

*(O cenário da peça inclui um espelho de água que ocupa toda a área de representação.)*

## 1º Quadro

### 1

#### Apresentação

**AMIGA** *Escrita da Água*, no rasto de *Medeia*; esta peça relata circunstâncias decisivas na história de todos nós. *(claquette)* Tal como os Átridas na antiga Grécia, eles tiveram um destino atroz...

**HOMEM DO CINEMA** Terrível, horroroso, o pior que possam imaginar!

**AMIGA** Ainda não me apresentei. Sou uma amiga que testemunhou alguns momentos decisivos desta história;



fui uma espécie de confidente activa, embora não tenha conseguido evitar a precipitação dos acontecimentos...

**HOMEM DO CINEMA** Apresento-me também: sou conhecido como Homem do Cinema, uma ex-estrela que actualmente é assistente de realização. Lembro-me da minha mãe olhar para um écran e dizer: “se ao menos eu ficasse dentro dessa máquina!”. A minha mãe acreditava num mundo novo, num éden tecnológico, mas quando formulou o desejo de ficar “dentro da máquina” estava tão desesperada com a doença, que a esperança era apenas uma espécie de escravidão. O vento e imagens, (*claquette*) instantâneos!

**AMIGA** (*o Pai, a Mãe e as duas crianças, hieráticos e ausentes*) Ei-los, ei-los na cena ganhando nova vida, como os Átridas, um exemplo para a cidade!... O Pai — fica paizinho — é o único sobrevivente, e guarda a memória da tragédia sob a forma de uma fantasia.

**HOMEM DO CINEMA** O Pai veste-se de noiva. É evidente que não muda de vestido há muito tempo, que o vestido é ainda mais antigo, que o ramo de flores que segura na mão direita está seco; que o coelho que tenta alimentar, é um coelho de brincar e não o poeta Garcia Lorca como ele julga...

**MÃE** (*lendo “Romance de la Luna, Luna” de Garcia Lorca*)  
 La luna vino a la fragua  
 con su polisón de nardos.  
 El niño la mira mira.  
 El niño la está mirando.